

# OS ENSAIOS DE MICHEL DE MONTAIGNE NO BRASIL: RECEPÇÃO E TRADUÇÃO

MICHEL DE MONTAIGNE'S ESSAYS IN BRAZIL: RECEPTION AND TRANSLATION

Claudia Borges de Faveri<sup>193</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo apresentar os primeiros resultados de nossa pesquisa de pós-doutorado sobre a tradução da obra *Ensaaios* (1580-1582) de Michel de Montaigne (1533-1592) ao português brasileiro. Ainda muito pouco se sabe sobre a recepção e trajetória de Montaigne e sua obra no Brasil. No entanto, tal desconhecimento contrasta com o fato de serem os *Ensaaios* obra amplamente conhecida e apreciada pelo público leitor brasileiro. Atestam-no a vitalidade da pesquisa acadêmica em filosofia, literatura e ciências sociais que fazem de Montaigne seu centro de interesse e, também, as inúmeras apropriações de sua obra na mídia e nas artes em geral. Qual Montaigne chegou primeiro ao Brasil, como e quando? Estas são as perguntas que buscamos responder ao nos debruçarmos sobre o percurso das traduções de sua obra no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Michel de Montaigne; Ensaaios; tradução; recepção.

**ABSTRACT:** This article aims to present the first results of our postdoctoral research on the translations of Michel de Montaigne's *Essays* (1580-1582) into Brazilian Portuguese. Very little is known of the reception and trajectory of Montaigne's work in Brazil. However, such lack of knowledge contrasts with the fact that the **Essays** are widely known and much appreciated by the Brazilian public. Proof of that is the vitality of academic research on Montaigne in the fields of philosophy, literature and social sciences as well as the innumerable appropriations of the *Essays* in the media and in the arts in general. Which Montaigne first arrived in Brazil, how and when? These are the questions that we seek to answer as we delve into the course of the translations of Montaigne's **Essays** in Brazil.

**KEYWORDS:** Michel de Montaigne; Essays; translation; reception.

---

<sup>193</sup> Doutora em Sciences Et Techniques Du Langage pela Université de Nice - Sophia Antipolis – França. Realizou estágio pós-doutoral em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brasil. Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5305-3227>. E-mail: [cbfaveri@gmail.com](mailto:cbfaveri@gmail.com).

## 1. INTRODUÇÃO

Sobre seus ensaios, declara o próprio Montaigne: “escrevo meu livro para poucas pessoas e pouco tempo; se se tratasse de uma obra destinada a durar, houvera empregado uma linguagem mais elevada” (MONTAIGNE, 1987, III, p. 287). Também em seu curto e conhecido prefácio – ‘Ao leitor’ – aconselha, ironicamente, seu leitor a “não empregar seu tempo livre em assunto tão fútil e de tão mínima importância” (MONTAIGNE, 1987, I, p. 7). Mais enganado não poderia estar o cético autor renascentista, pois lá se vão quatro séculos de “assunto tão fútil e de tão mínima importância”, com traduções e retraduições em todas as línguas modernas e um sem fim de adaptações, citações, apropriações.

A obra que hoje conhecemos sob o título de *Ensaaios* ou *Os Ensaaios* é um conjunto de três livros, contendo as inúmeras reflexões filosóficas de seu autor, misturadas com anedotas históricas e detalhes autobiográficos, o todo recheado de citações em latim de grandes nomes da Antiguidade. São 107 ensaios de tamanho variado, distribuídos tradicionalmente em três volumes<sup>194</sup>, perfazendo algo em torno de 1500 páginas, a depender da edição. “Le seul livre au monde de cette espèce”<sup>195</sup>, tratando de todos os assuntos possíveis sem ordem aparente: medicina, livros, problemas domésticos, cavalos, doenças e quase tudo o mais que toca a existência humana. Pela forma inovadora de sua obra, por ser ele próprio a matéria de seu livro (MONTAIGNE, 1987, I, p. 7), por suas posições frente ao que não conhece, ao que lhe é estranho, por sua

<sup>194</sup> Mas há edições com maior número de volumes e mesmo em um só. Este é o caso, por exemplo, da reedição brasileira da tradução de Sérgio Milliet, pela Editora 34, em 2016.

<sup>195</sup> “Único livro no mundo de sua espécie” (Montaigne, 1987, II, p 8.).

tolerância, por sua visão da educação, Montaigne é frequentemente visto como uma ponte entre a idade moderna<sup>196</sup> e a contemporaneidade.

Desde sua primeira edição em 1580, até os dias atuais, Montaigne é o autor francês do século XVI mais lido, citado e traduzido. Seus ensaios vêm sendo publicados ao longo desses quatro séculos quase sem interrupção. Exceção feita ao período entre 1699 e 1724, provavelmente porque a obra foi para o Index, em 1676. Lido e conhecido já durante seu período de vida, teve inúmeros leitores e críticos desde sua primeira edição, pois o inusitado da obra provocou muitas reações. Foi acusado de narcisismo e indiscrição por descrever demasiado a si mesmo, suas impressões e sentimentos. De trivial, por falar de seus gostos alimentares e mesmo de suas rotinas corporais, de licencioso por sua sinceridade sexual. Mas também fez inúmeros admiradores e muita tinta correu com imitações de seu estilo e temas.

## **2. OS ENSAIOS: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES**

No universo da recepção de Montaigne, estudada a partir da história editorial de sua obra, na França e em outros países, figuram os mais importantes nomes do pensamento ocidental. Seus ensaios foram objeto de apropriação das mais variadas correntes de pensamento, modificados em edições sucessivas, acrescidos de prefácios, explicações e notas para fins diversos. Teve também críticos e defensores de peso: Pascal e Rousseau entre os primeiros, Voltaire e Flaubert entre os últimos, apenas para citar quatro nomes importantes, pois a recepção de Montaigne é uma constelação de grandes nomes, ninguém lhe é indiferente.

Os *Ensaaios* foram vistos, durante muito tempo como uma obra

---

<sup>196</sup> Que se costuma situar grosseiramente entre a tomada de Constantinopla, em 1453, e a Revolução Francesa em 1789.

fragmentada, uma coleção de reflexões interessantes, inúmeras citações e nenhuma unidade. Mas estudiosos que vêm se debruçando sobre o legado do pitoresco jurista renascentista têm cada vez mais demonstrado a unidade da obra, que apresenta um percurso filosófico consequente e um pensamento que veio, ao longo dos séculos, firmando seu autor como um grande pensador de todas as questões que dizem respeito à condição humana. O legado de Michel de Montaigne é uma obra atípica que, apesar de ter suas bases fortemente ancoradas em sua época - o Renascimento francês - não deixa de surpreender por sua, às vezes, clarividente atualidade.

É Peter Burke (2006) quem nos lembra que Montaigne é em certo sentido contemporâneo nosso, um moderno fora de seu tempo e lugar. Poucos escritores do século XVI seriam mais acessíveis hoje, apesar do estilo desregrado e distraído e do sem número de citações que varam seu texto, e que podem desencorajar um leitor menos habituado ao estilo dos antigos. Conhecido por criar esse gênero tipicamente moderno - o ensaio - a influência de Montaigne se estende para além do contexto renascentista sobre o pensamento e a literatura dos últimos quatro séculos, de maneira consistente, nas mentes e escritos de pensadores tais como Bacon, Shakespeare, Montesquieu, Freud, Nietzsche e Emerson.

O autor desta obra singular nasce em 1533, na região do Périgord, atual departamento francês da Dordonha, na região sudoeste da França. Michel Eyquem de Montaigne vem ao mundo no seio de uma família enriquecida pelo comércio e enobrecida, menos de um século antes, pelos esforços de seu bisavô Ramon Eyquem (1402-1478), que comprara as terras do castelo de Saint Michel de Montaigne, tornando-se assim o primeiro Seigneur de Montaigne. Pierre Eyquem (1495-1568), neto de Ramon Eyquem, esforça-se para dar ao filho mais velho, Michel, uma educação tão completa quanto possível. O pequeno Michel fala latim com seu preceptor alemão desde a mais tenra idade, faz seus primeiros estudos em Bordeaux e depois em Toulouse, onde vai estudar Direito.

Aos 23 anos Michel de Montaigne, como era costume à época, herda de seu pai o cargo de conselheiro fiscal do parlamento de Bordeaux, cargo que irá exercer até 1568. Deixa enfim a magistratura em 1570, aos 37 anos, para dedicar-se ao estudo, à escrita e à reflexão. Dois anos depois ele começa a aventura da escrita de seus ensaios, que o ocupará apaixonadamente até o fim de seus dias, em 1592, aos 59 anos.

Foi em sua famosa biblioteca redonda, um anexo ao seu castelo na Dordonha, que Montaigne escreveu, a partir de 1572, a maior parte de seus ensaios, publicados a partir de 1580 e pelos dois anos seguintes. Um livro de boa fé, como ele mesmo diz em seu prefácio, no qual não se distingue muito bem matéria e autor. Consustancialidade já anunciada desde o título original escolhido pelo autor à época: *Essais de Michel de Montaigne*. O que conhecemos hoje como um gênero consagrado, o ensaio, não existia à época, Montaigne é tido como o criador do gênero. Com este título, indicava inequivocamente como via seu livro: tentativas, elucubrações, primeiras aproximações a um tema. O título foi depois modificado nas edições que se seguiram a sua morte, já a partir do século XVII: *Les Essais*, às vezes *Essais*. Segue o nome do autor, Michel de Montaigne, mas este não faz mais parte do título propriamente. E assim vêm sendo traduzidos e retraduzidos em inúmeras línguas e culturas através desses quatro séculos.

Se a obra surpreende e inova pela variedade dos assuntos tratados, dos mais sérios aos mais triviais, surpreende também, e talvez mesmo principalmente, pela forma. Montaigne segue “dando cabriolas”, como ele mesmo define seu estilo. Frequentemente muda de direção ao discorrer sobre os assuntos, muda também de ideia e passa a considerar válido o ponto de vista que antes parecia rechaçar. Em “Da vaidade”, como em várias outras passagens dos *Ensaaios*, o próprio autor comenta sua escrita (MONTAIGNE, 1987, III, p. 298):

Isso já se acha algo fora do meu assunto; perco-me, mas antes por licença do que por inadvertência. Minhas ideias ligam-se umas às outras, mas às vezes de longe; não se perdem de vista, embora seja por vezes necessário que virem a cabeça para percebê-lo. [...] Os títulos de meus capítulos nem sempre estão de acordo com a matéria; não raro a relação se manifesta apenas através de algumas palavras, [...]. Gosto de andar dando cabriolas, à maneira dos poetas, que é ligeira, alada, demoníaca, como diz Platão. [...] O leitor distraído é que perde de vista meu tema; eu não. Sempre em algum lugar, umas poucas palavras hão de mostrar que o tenho em mente. Passo de um assunto a outro sem regra nem transição; meu estilo e meu espírito vagabundeiam juntos. Um pouco de loucura previne um excesso de tolice, segundo afirmam nossos mestres por palavras e exemplos.

### **3. MONTAIGNE NO BRASIL**

No Brasil, a recepção de Montaigne é um vasto campo inexplorado e, portanto, desconhecido. O que contrasta com o fato de serem seus *Ensaio*s uma das obras de predileção nacional. Atestam-no a vitalidade da pesquisa acadêmica em filosofia, literatura e ciências sociais que fazem de Montaigne seu centro de interesse e as inúmeras apropriações de seus ensaios nas artes em geral. Na verdade, é preciso dizer que a recepção de Montaigne no Brasil é das mais surpreendentes, embora grandemente desconhecida. Sérgio Cardoso (2017, p. 19) salienta que “nosso país está certamente entre aqueles que mais produziram teses e dissertações sobre Montaigne na área da filosofia nos últimos vinte anos”. De Machado a Ciro dos Anjos, passando por Oswald de Andrade, a influência de Montaigne no mundo das letras é também inegável.

O início da difusão de Montaigne em português, no Brasil especificamente, é comumente fixado nas primeiras décadas do século vinte, com as primeiras traduções, ainda somente excertos de sua obra. Somente em 1961 os *Ensaio*s são traduzidos integralmente ao português brasileiro por Sérgio Milliet.

Em artigo de 1988, a professora Regina Salgado Campos apresenta um

estudo sobre as traduções de Montaigne ao português, lançando as bases para a pesquisa sobre a recepção de sua obra em nosso solo. Dessas primeiras traduções àquelas dos tempos atuais, suas motivações e impulsos, a permanência de Montaigne em nosso imaginário e na pesquisa acadêmica só fazem comprovar a mesma vitalidade já constatada em outros contextos de recepção, como o mundo anglo-saxão, por exemplo, o primeiro a traduzir Montaigne já em 1603.

É indubitável que Montaigne chega ao Brasil primeiramente em francês. Como se sabe, a elite intelectual brasileira, até o início do século XX, era predominantemente de formação francesa, portanto não precisava de traduções. As edições francesas mais antigas que encontramos até o presente momento em nossas pesquisas documentais, no acervo da Biblioteca Nacional e naqueles das bibliotecas de grandes nomes da *intelligentsia* brasileira, datam do século XVI. Tal é o caso do exemplar constante da coleção de obras raras da BN, datando de 1769, ou daquele pertencente à biblioteca de Mário de Andrade, datando de 1659, e que teria pertencido a Montesquieu (CAMPOS, 1988, p. 264).

Em duas cartas à princesa Isabel, datadas de novembro de 1864<sup>197</sup> D. Pedro II alude a sua leitura de Montaigne. E isso é tudo o quanto pudemos obter, até o momento, de informação sobre as leituras dos *Ensaïos* que certamente fez D. Pedro II.

Sabe-se que Machado de Assis leu Montaigne, no original francês e seu acervo particular contava com ao menos um exemplar dos *Essais de Michel de Montaigne* editado em Paris, em 1870, pela Firmin Didot. Informação que talvez soe como uma obviedade para muitos, mas no vasto desconhecido que é a

---

<sup>197</sup> 3 de novembro de 1864: "Não tem lido Couto [possivelmente Manuel José Gonçalves Couto] e Montaigne? Eu já vou começar novo tomo do Couto, e li de Montaigne a defeza de Sêneca e Plutarco. 17 de novembro de 1864: Amanhã não posso mandar dizer que leio Couto e Montaigne." Agradeço a Maria de Fátima Argon da Matta, arquivista do Museu Impérial de Petrópolis-RJ por esta informação.

recepção e difusão de Montaigne no Brasil, mesmo o óbvio precisa ser demonstrado. Afranio Coutinho, em seu livro de 1959, *A filosofia de Machado de Assis e outros ensaios*, coloca Montaigne entre os autores que mais influenciaram Machado, tanto no que concerne à concepção e técnica literária e de estilo quanto em relação à filosofia ou concepção do mundo e do homem (COUTINHO, 1959, p. 18).

No prefácio que fez para suas *Americanas*, de 1875, Machado de Assis cita Montaigne, defendendo seu ponto de vista sobre a utilização do elemento indígena na poesia brasileira da época (ASSIS, 1875, p. vi-vii)<sup>198</sup>:

Das qualidades boas, e ainda excellentes, dos nossos indios, andam cheias as relações historicas. Era agreste e rudimentario o estado delles; medeia um abysmo entre a taba de Uruçamirim e qualquer de nossos bairros inferiores. Mas, com todas as feições grosseiras de uma civilização embryonaria, havia alli os caracteres de uma raça forte, e não communs virtudes humanas. Montaigne, que lhes consagrou um affectuoso capítulo, enumera o que achou nelles grande e bom, e conclue com ésta pontasinha de maliciosa ingenuidade: “Mais quoi! ils ne portent point de hault de chausses!”

Ainda, em *Páginas Recolhidas*<sup>199</sup>, coletânea de contos e outros trabalhos publicados em 1899, Machado coloca em epígrafe, na página de rosto, a frase com que Montaigne inicia seu ensaio XLVI do Livro I - ‘Sur les noms’: “[q]uelque diversité d’herbes qu’il y ayt, tout s’enveloppe sous le nome de salade”<sup>200</sup>.

Temos em Rui Barbosa (1849-1923), também, um contumaz leitor dos *Ensaio*s, a julgar pelas várias citações à obra de Montaigne<sup>201</sup> que encontramos

<sup>198</sup> Obra disponível na Biblioteca Digital do Senado Federal: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242828>. Acesso em 06/02/2019.

<sup>199</sup> Obra disponível na Biblioteca Digital do Senado Federal: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/518655>. Acesso em f06/02/2019.

<sup>200</sup> Por grande que seja a diversidade das ervas, chamam a tudo salada.

<sup>201</sup> Sobretudo dos ensaios “Da educação das crianças” e “Covardia, mãe da crueldade”, respectivamente ensaios 25 do Livro I e 27 do Livro II.

em suas obras completas. O acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa conta com três exemplares dos *Ensaio*s, em francês, pertencentes à coleção particular do escritor. Um dos exemplares, uma antiga edição em dois volumes sem data de publicação, foi editado pela Garnier Frères em Paris, com notas de M. J. V. Leclerc, traz ainda anotações de próprio punho de Rui Barbosa.

Na década de 1930, Afonso Arinos de Melo Franco, idealiza e publica seu ensaio: *O índio brasileiro e a Revolução Francesa - As origens brasileiras da teoria da bondade natural*, no qual desenvolve a hipótese da grande influência do ensaio ‘Dos canibais’ - ensaio XXX do Livro I - sobre todo o pensamento revolucionário dos séculos seguintes. A imagem do índio brasileiro difundida por Montaigne em seu ensaio teria, segundo Arinos, alimentado ideais revolucionários, através do conceito da bondade natural. Para Arinos, Montaigne seria a ponte unindo o Renascimento ao Iluminismo do século das luzes. Em prefácio à primeira edição, Arinos relata que, obra de sua mocidade, *O índio brasileiro e a Revolução Francesa* começou a ser gestada por volta de 1932, tendo sua redação durado por volta de dois anos, de julho de 1933 a junho de 1935. Mais uma vez, é possível observar, com esta obra de Arinos, a presença e a influência de Michel de Montaigne nos meios intelectuais brasileiros. E isso mesmo antes da primeira tradução de sua obra em solo brasileiro, que data do período entre 1937 e 1940. É de 1937, aliás, que data a primeira publicação do ensaio de Arinos.

Em artigo de 2011, intitulado “O modernismo brasileiro e Montaigne: a antropofagia de Oswald de Andrade”, Celso Martins Azar Filho, mostra a decisiva influência do famoso ensaio ‘Dos canibais’, na criação da metáfora oswaldiana de antropofagia. Em seus textos mais importantes para a consolidação e reafirmação do conceito de antropofagia - Manifesto Antropófago e a Marcha das Utopias - Oswald de Andrade (1990, p. 192) refere-se diretamente a este ensaio:

A onda tomou conta do mundo atual, deste grande mundo do século XX que ainda se debate nas tenazes raivosas da reação por não ter levado às últimas conseqüências a certeza de sua alma primitiva. O que sobrenada, no caos. Será preciso que uma sociologia nova e uma nova filosofia, oriundas possivelmente dos Canibais de Montaigne, venham varrer a confusão de que se utilizam, para não perecer, os atrasados e os aventureiros fantasmais do passado.

#### 4. MONTAIGNE TRADUZIDO

As primeiras traduções brasileiras do texto de Montaigne datam do início do século XX. São primeiramente traduções apenas de excertos ou de textos selecionados. Parece justo cogitar que, no que concerne à categoria de excertos traduzidos, muitas traduções permanecem desconhecidas, uma vez que Montaigne é um autor abundantemente citado e apreciado em nosso contexto cultural.

A primeira tradução de Montaigne ao português brasileiro é um tanto singular: trata-se de algumas estrofes de duas canções indígenas<sup>202</sup>, que haviam sido traduzidas para o francês à época de Montaigne e incluídas por ele em seu célebre ensaio ‘Dos canibais’. O excerto é parte integrante de uma publicação da Academia Brasileira de Letras: *Primeiras Letras: Cantos de Anchieta - O diálogo de João de Léry - Trovas Indígenas* - de 1923. Não deixa de ser digno de nota, e mesmo um tanto pitoresco, o fato de que a primeira tradução conhecida de um excerto dos **Ensaio**s ao português brasileiro seja, na verdade, uma tradução de outra tradução feita no século XVI de alguns versos em tupi! ‘Dos canibais’ é um dos ensaios mais conhecidos de Montaigne, certamente o mais conhecido no Brasil, e traz em seu lastro todo um universo de crítica, traduções, adaptações, encenações, análises e estudos. Emblematicamente, será este ensaio, como

<sup>202</sup> Couleuvre arrête-toi; arrête-toi, couleuvre, afin que ma sœur prenne ton image comme modèle pour la forme et la façon d’un riche cordon que je donnerai à mon amie; et qu’ainsi à tout jamais ta beauté et ta prestance soient préférées à celles de tous les autres serpents.

talvez não poderia deixar de ser - uma vez que 'Dos canibais' e o Brasil estão indissolavelmente ligados, e isso desde o século XVI - que inaugurará o percurso de Montaigne em português brasileiro.

Será este mesmo ensaio que Câmara Cascudo traduzirá em 1937/1940, ensaio este, "tão citado e ainda sem versão em português", segundo o próprio Cascudo comenta no prefácio que escreveu a sua tradução<sup>203</sup>. Câmara Cascudo não dá qualquer referência da edição francesa utilizada para sua tradução, que vai ser publicada na revista *Cadernos da hora presente*, editada pelo poeta e intelectual Tasso da Silveira. O texto em português recebeu uma anotação bastante rica e erudita. Cascudo escreveu ainda um prefácio que antecede o ensaio, no qual explica: seu trabalho atendeu a uma sugestão de Ronald de Carvalho, que, no ano de 1933, propôs comemorar o quarto centenário de Michel de Montaigne com a publicação de uma série de estudos brasileiros voltados para a leitura da sua obra ensaística. A publicação e o evento comemorativo nunca aconteceram, mas Cascudo publicou sua tradução alguns anos depois.

Ainda da primeira metade do século XX datam duas traduções de um mesmo texto: *Les pages immortelles de Montaigne*, seleção de ensaios feita por André Gide em 1939 a pedido de um editor americano. Esta seleta recebeu curiosamente duas traduções ao português, com uma década de distância entre elas: a primeira de José Pérez, de 1940, para a editora Martins de São Paulo, o tradutor é português, mas a publicação é brasileira. A segunda é de Sérgio Milliet e data de 1951, para a mesma editora. Esta tradução recebe o título, em ambos os casos, de *O pensamento vivo de Montaigne*.

---

<sup>203</sup> Segundo a professora Regina Salgado Campos (1988) em seu artigo já citado, uma vez que não pudemos ter acesso à publicação em questão.

Dez anos mais tarde, em 1961, Milliet vai publicar sua tradução integral dos *Ensaio*s. A primeira no Brasil e uma referência até nossos dias. A tradução é publicada em três volumes em Porto Alegre pela editora Globo. Curiosamente, neste mesmo ano, 1961, no Rio de Janeiro, a José Olympio lança, também em três volumes, uma *Seleção dos Ensaio*s de Montaigne, em tradução de José Maria de Toledo Malta. Toledo Malta falecera em 1951, dez anos antes, e sua tradução veio à luz pelos esforços de seu amigo Leo Vaz, que vai, então, prefaciar o livro.

É curiosa esta publicação simultânea e talvez coubesse uma análise mais aprofundada do contexto editorial e cultural da época, a fim de compreender esse encontro de circunstâncias e interesses. As duas traduções são publicadas no mesmo ano, mas são de épocas e faturas diferentes. A tradução de Toledo Malta, como o próprio nome indica, é uma seleção de ensaios. Seu primeiro volume, por exemplo, é composto por 37 ensaios, tomados dos Livros I e II originais. Os critérios de seleção e supressão não são apresentados e não há indicação da edição francesa utilizada como original para a tradução. Dentre os ensaios selecionados, muitos têm trechos inteiros eliminados, sem que a maioria dessas supressões seja claramente explicitada.

A tradução de Sérgio Milliet, por outro lado, apresenta o texto integral, em três volumes, com prefácio e notas do tradutor. A edição que serviu de base para o trabalho é a que foi estabelecida por Albert Thibaudet<sup>204</sup> para a Pléiade em 1937 que é, ela mesma, baseada no exemplar de Bordeaux. Mas Milliet, por alguma razão, utiliza também a edição estabelecida trinta anos antes pelo general Claude Michaud. Esta edição de 1907 é considerada bastante controversa pelos estudiosos da obra de Montaigne, pelas inúmeras liberdades que toma em relação ao texto e à organização do mesmo.

---

<sup>204</sup> Importante crítico literário francês do final do século XIX e primeiro quarto do século XX.

Serão necessários mais de 40 anos para que venha à luz uma nova tradução integral dos *Ensaaios*. Desta vez, a tradução, publicada pela Martins Fontes em 2000/2001, ficará a cargo de Rosemary Costhek Abílio. O texto de base utilizado para esta tradução é a prestigiosa edição de 1965, conhecida como edição Villey-Saulnier. Fruto de um trabalho de junção entre a edição anotada estabelecida por Pierre Villey em 1922/1923 sob a direção e com prefácio de Verdun L. Saulnier para a Presses Universitaires de France.

Alguns críticos acolheram esta nova tradução como a “primeira verdadeiramente completa e confiável” tradução de Montaigne para o público brasileiro, a tradução de Milliet tendo sido vista desde há muito como muito livre em relação ao texto francês. A questão que se coloca aqui é recorrente, sabemos, quando se trata de tradução. Consideramos que uma análise mais aprofundada das duas traduções em questão<sup>205</sup>, isenta de valorações impressionísticas e realizada com base em procedimentos metodológicos bem fundamentados teoricamente é absolutamente necessária, a fim de colocar em perspectiva as duas únicas traduções integrais dos *Ensaaios* em português, e compreender a que momento do cenário cultural e literário brasileiro responderam.

A partir de 2010, novas traduções vêm se somar às já existentes. A coletânea traduzida por Rosa Freire de Aguiar para a Companhia das Letras, tem sua origem em uma seleção da Penguin Books, organizada e traduzida por Michael Screech em 2004. Sabemos, portanto, que esta é uma tradução indireta ao português de uma tradução para o inglês de 26 ensaios dos Livros I, II e III. Apesar disso, a tradutora informa que o texto de base para sua tradução é o da edição póstuma de 1595. Ela também fornece como texto de base para suas notas introdutórias e notas de rodapé outras três fontes, a saber: a edição já

---

<sup>205</sup> Estamos realizando um estudo comparativo das duas traduções integrais de **Os Ensaaios** existentes em português brasileiro, incluindo a edição corrigida da tradução de Milliet que foi publicada pela Editora 34 em 2014.

citada de 2004 publicada pela Penguin Classics, a edição da Pléiade de 2007, e a edição em francês contemporâneo de Guy de Pernon de 2008. A tradutora explica que em sua tradução procurou “conciliar o respeito ao original com a legibilidade para um leitor de hoje, apresentando-lhe uma versão cuja fluência, longe de banalizar a obra, o leve ao prazer da leitura de *Os Ensaíos*” (AGUIAR, 2010, p. 24).

Em 2016, é reeditada pela editora 34 a tradução de Milliet, com revisão técnica de Edson Querubini e apresentação de André Scoralick. E, em 1998, 2009, 2011 e 2017, outras cinco edições, ou de coletâneas ou de ensaios específicos, vêm à luz. São elas:

- ❖ Sobre a Vaidade - Tradução de Ivone Benedetti para a Martins Fontes em 1998;
- ❖ Dos canibais - Tradução de Luiz Antônio Alves Eva, para a Alameda, em 2009;
- ❖ Sobre a Amizade - Sem nome de tradutor, para a Tinta Negra em 2011;
- ❖ Da amizade e outros textos - Tradução de Julia da Rosa Simões, para a L&PM, em 2017;
- ❖ Que filosofar é aprender a morrer e outros ensaios - Tradução de Julia da Rosa Simões, para a L&PM, em 2017.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Inicialmente em francês e depois traduzidos, os *Ensaíos* desenvolvem no Brasil um percurso semelhante àquele que apresentam em outros contextos de recepção: primeiramente acolhidos quase incondicionalmente pela elite pensante - que os leem no original em francês - são em seguida traduzidos, quer

integralmente, quer em excertos, segundo critérios de escolha, neste último caso, aparentemente bastante variados, quando não indiossincráticos.

No caso do Brasil, foi o ensaio XXX do Livro I, 'Dos canibais', o primeiro a ser traduzido por aqui, primeiramente apenas um pequeno excerto, tradução esta de autoria desconhecida, datando de 1923. Mais de uma década mais tarde, em 1937-1940, 'Dos canibais' será integralmente traduzido pelo historiador e antropólogo Câmara Cascudo.

Este ensaio, afora o fato de ser um dos mais conhecidos e citados em praticamente todos os contextos culturais de recepção, fala especialmente à sensibilidade brasileira, e isso por razões óbvias. Escrito em um momento quase edênico do imaginário brasileiro, poucas décadas após o descobrimento, o ensaio pode ser lido como uma defesa dos ideais humanitários, da tolerância, contra o etnocentrismo e, também (por que não?), como a possibilidade de ser esta terra o berço de uma civilização mais igualitária, acolhedora das diferenças e ao mesmo tempo forte e orgulhosa de suas especificidades. 'Dos canibais' nos oferece, assim, a possibilidade de uma utopia em terras tropicais, talvez por isso seu atrativo ainda em nossos dias.

Mas nem só de canibais é feito o percurso de Montaigne no Brasil. Depois da iniciativa da tradução de Câmara Cascudo, outras traduções vieram à luz, com intervalos longos entre elas, de uma década, ou até mesmo mais. As duas traduções integrais da obra de Montaigne, a primeira de Sérgio Milliet e a segunda de Rosemary Costhek, dialogam e se confrontam em um interstício temporal de mais de 40 anos. No entanto, desde 2009, com a tradução de Luiz Antônio Alves Eva para 'Dos canibais', pela editora Alameda, o intervalo entre as traduções diminui e o ritmo aparentemente se acelera, com publicações em 2010, 2011, 2016 e 2017. Um novo momento Montaigne se configuraria no horizonte de nosso sistema cultural? Difícil avaliar sem o necessário distanciamento temporal.

O que podemos ter como certo, no entanto, é que o sistema literário e cultural brasileiro cultiva Montaigne e seus *Ensaaios* em uma miríade de expressões, basta um rápido olhar nos catálogos das editoras, das menores às mais importantes, nos blogues de vocação política e filosófica e nas seções de resenhas de grandes jornais para comprovar a permanência e o vigor do pensamento do autor dos *Ensaaios* entre nós. Ainda em 2016, por exemplo, Montaigne ganha uma nova edição<sup>206</sup> da tradução de Sérgio Milliet para seus *Ensaaios*. Também de 2016 data a publicação do *Montaigne*,<sup>207</sup> do filósofo marroquino Ali Benmakhlouf.

Para além do mundo editorial e acadêmico, é também relativamente fácil encontrar outros testemunhos da permanência do interesse do público brasileiro<sup>208</sup> sobre esta obra singular que vem atravessando os séculos com solene indiferença pelos prognósticos de seu próprio autor. Indubitável é que Montaigne fala ainda à sensibilidade e à razão do homem do século XXI, e não apenas em solo brasileiro. Mas também aqui, e com espantosa vitalidade.

### REFERÊNCIAS

AGUIAR, Rosa F de. Os Ensaaios, de Montaigne. In: *Os Ensaaios: uma seleção*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ASSIS, Joaquim Maria M. de. *Americanas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier: Rio de Janeiro, 1875.

---

<sup>206</sup> Esta nova edição dos *Ensaaios*, pela Editora 34, da tradução de Sérgio Milliet, que data da década de 60, tem revisão técnica e notas adicionais de Edson Querubini e apresentação de André Scoralick.

<sup>207</sup> O livro de Ali Benmakhlouf, *Montaigne*, com tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira, foi lançado em 2016 pela Estação Liberdade.

<sup>208</sup> Exemplo curioso dessa constante apropriação de Montaigne pelos temas de atualidade é a peça de teatro, encenada pela Cia Livre, em 2015: “Maria que virou Jonas ou a força da imaginação”. A peça aborda a transexualidade, partindo do ensaio ‘Da Força da Imaginação’ (ensaio 20, do Livro I), de Montaigne. No enredo, dois atores transexuais questionam o que se entende por identidade.

AZAR, Celso Martins F. O modernismo brasileiro e Montaigne: a antropofagia de Oswald de Andrade. *Periferia - Educação, Cultura & Comunicação*, vol. 3, n. 1. Rio de Janeiro: PPGECC/UERJ, 2011.

BURKE, Peter. *Montaigne*. Trad. Jaimir Conte. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

CAMPOS, Regina S. As Traduções de Montaigne. *Travessia*, v. 16/18, p. 262-271. Florianópolis: PPGLit, Universidade Federal de Santa Catarina, 1988.

CARDOSO, Sérgio. Montaigne filósofo. *Cult.* n. 221 p. 18-19. São Paulo: Editora Bregantini, 2017.

COUTINHO, Afrânio. *A filosofia de Machado de Assis e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora São José, 1959.

FRANCO, Afonso Arinos de M. *O índio brasileiro e a Revolução Francesa - as origens brasileiras da teoria da bondade natural*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

MONTAIGNE, Michel de. *Essais I*. Paris: Librairie Générale Française, 1972.

MONTAIGNE, Michel de. *Essais II*. Trad. Guy de Pernon. Paris: Pernon Éditions, 2010.

MONTAIGNE, Michel de. *Essais III*. Trad. Guy de Pernon. Paris: Pernon Éditions, 2010.

MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaios: uma seleção*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaios*. Trad. Sérgio Milliet. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Hucitec, 1987.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaios*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Editora 34, 2016.

Recebido em 22/02/2019.

Aceito em 03/07/2019.